

## ASPECTOS HISTÓRICOS NA NARRATIVA *O CICLO DAS ÁGUAS*, DE MOACYR SCLiar

---

*Historical aspects in the narrative O ciclo das águas, by Moacyr Scliar*

DOI: 10.14393/LL63-v36n2-2020-9

Lunara Abadia Gonçalves Calixto\*

---

RESUMO: Este artigo objetiva analisar a presença de elementos históricos na constituição do romance *O ciclo das águas*, do autor Moacyr Scliar. Essa obra ficcional, de 1975, apresenta o “tráfico de escravas brancas”, fato histórico ocorrido entre o final do século XIX e a Segunda Guerra Mundial, no qual mulheres judias eram aliciadas e prostituídas por uma organização criminal internacional, a *Zwi Migdal*. O texto de Scliar demonstra como a Literatura e a História possuem suportes afins, principalmente na utilização da narrativa como instrumento de escrita. Além disso, Moacyr Scliar faz uma abordagem de seu texto combinando tanto aspectos reais quanto imaginários: retrata, por meio do romance, toda a trajetória vivida por centenas de imigrantes judias que se dirigiram para a América, onde acabaram encontrando a prostituição. Dessa forma, Literatura e História são combinadas no processo narrativo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. História. Narrativa. *O ciclo das águas*. Moacyr Scliar.

ABSTRACT: This article aims to analyze the presence of historical elements in the constitution of the novel *O ciclo das águas*, by Moacyr Scliar. This fictional work from 1975 presents the “white slave trade,” a historical fact that occurred between the late 19th century and World War II, in which Jewish women were enticed and prostituted by an international criminal organization, *Zwi Migdal*. Scliar's text demonstrates how Literature and History have similar supports, especially in the use of narrative as a writing instrument. In addition, Moacyr Scliar takes an approach to his text combining both real and imaginary aspects: he reports, through the novel, the entire trajectory lived by hundreds of Jewish immigrants heading to America, where they eventually found prostitution. Thus, Literature and History are combined in the narrative process.

KEYWORDS: Literature. History. Narrative. *O ciclo das águas*. Moacyr Scliar.

---

---

\* Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente, doutoranda em Estudos Literários pela mesma instituição. ORCID: 0000-0002-8757-7712. E-mail: lunara\_calixto(AT)hotmail.com

## 1 Introdução

A Literatura e a História são áreas metodologicamente consideradas dissociadas, uma vez que a primeira trataria primordialmente da ficção, e a segunda, da realidade. Porém, tal distinção não se torna tão simples se levarmos em conta os pontos em comum de ambas: a narratividade e a recepção da leitura. O ato da narração, por ser instrumento de escrita da ficção e da historiografia, possibilita que essas áreas se entrecruzem em suas fronteiras, principalmente no momento de leitura. Na verdade,

Podemos dizer que a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia. A história é quase fictícia, tão logo a quase-presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por uma narrativa animada supre, por sua intuitividade, sua vivacidade, o caráter esquivo da passividade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é assim que eles se parecem com acontecimentos passados e a ficção se parece com a história. (RICOEUR, 1994, p. 329)

Considerando esse caráter aproximativo entre história e ficção, há obras literárias que, de fato, buscam uma temática a partir de eventos históricos, garantindo um maior “efeito de real” para o leitor. Seguindo esse pressuposto, conforme Northrop Frye, citado na obra de Hayden White (1994, p. 99), “Toda obra literária tem ao mesmo tempo um aspecto ficcional e um aspecto temático”. Ademais, “como produto de um autor, cada texto literário é uma forma determinada de tematização do mundo” (ISER, 2002, p. 960). Nessa perspectiva, é possível estabelecer que muitos textos entrecruzam a fronteira que delimita ficcional e temático (no sentido de histórico), uma vez que “pode-se comparar a ‘história’ à ‘literatura’ em razão do seu interesse mais no ‘real’ que no ‘possível’, o que é supostamente o objeto de representação das obras ‘literárias’” (WHITE, 1994, p. 105).

Não obstante, trazer aspectos históricos para o texto literário pode desencadear alguns questionamentos sobre o que é “real” e o que é “ficção” na narrativa, a partir do que é exposto. Essa dualidade, na verdade, é muito mais complexa, presente em várias áreas de estudo, excedendo uma simples oposição de conceitos. Abordando teóricos da literatura, como Iser (2002), real, fictício e imaginário, juntos e em relação mútua, formam a base do texto ficcional.

Nesse sentido, não se trata de averiguar o que é real e o que é ficção, de fazer uma oposição, porque ambos estão imbricados:

Se os textos ficcionais não são de todo isentos de realidade, parece conveniente renunciar a este tipo de relação opositiva como critério orientador para a descrição dos textos ficcionais, pois as medidas de mistura do real com o fictício, neles reconhecíveis, relacionam com frequência elementos, dados e suposições. [...] Como o texto ficcional contém elementos do real sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário. (ISER, 2002, p. 957)

É fato que a literatura não se detém à referencialidade do mundo, mas se considerarmos que o funcionamento dos atos de linguagem no texto literário funciona como os atos de linguagem reais, é possível compreender a aceção de representação de ações humanas que o texto literário proporciona. Na verdade, a literatura mistura continuamente o “mundo real”, no sentido histórico, e o mundo possível, verossímil, e está nesse entrelugar.

De maneira análoga, Antonio Candido preconiza que “os fatos sociais atuam concretamente nas artes, especialmente na Literatura” (CANDIDO, 1976, p. 33). Desta maneira, muitos fatos sociais influenciam na escrita da literatura, como também a literatura pode causar um reflexo sobre o seu contexto social, em uma relação dialética: “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 1976, p. 4).

Szklo (1990) ainda reforça essa concepção ao apontar que

toda obra literária é uma simulação de mundo e, como tal, a utopia concreta que ela deveras é subentende uma relação dialética com a história social. A obra contém a História, mas dela não participa. É, portanto, duplamente, alegórica; pois é o “outro” da História e, assim sendo, é o “outro” dela, consignado pela alegoria de arte “cuja figura básica é a Melancolia devido ao contraste entre a utopia e a realidade que a entranhe e constitui”. (SZKLO, 1990, p. 48)

## 2 Moacyr Scliar e a escrita da condição judaica

A partir dessas considerações sobre ficção e realidade (no sentido histórico), este artigo se propõe a analisar a narrativa *O ciclo das águas*, do autor Moacyr Scliar. Com relação ao autor, convém salientar que Scliar é conhecido, dentre outras razões, por trazer a temática judaica em sua obra, o que abarca, por vezes, uma abordagem histórico-cultural. Tendo essa origem, ele ouviu muitas histórias sobre a cultura hebraica antes de se tornar um escritor. A família de Scliar, incluindo seus pais, José e Sara Scliar, eram judeus asquenazitas<sup>1</sup> imigrantes da Bessarábia, região sul da Rússia, e, portanto, essa origem foi importante para que se tornasse um veiculador dessa cultura, principalmente sobre as mazelas sofridas por esse povo. Os *pogroms* (palavra russa para se referir à perseguição violenta ao grupo hebraico) realizados no período de pré-guerra da Segunda Guerra Mundial ocasionaram a imigração de vários judeus rumo à América, em busca de melhores condições de vida.

Para o autor, “o judaísmo pode ser visto como um grupo étnico, caracterizado por passado histórico, línguas e tradição em comum, por uma cultura com certas características próprias” (SCLIAR, 1985, p. 29). Sendo assim, Scliar procura apresentar essas histórias em sua obra, passando de ouvinte a escritor, ou “narrador”, o que coaduna com a visão de Walter Benjamin no ensaio *O narrador*, em que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais” (BENJAMIN, 1985, p. 198). Considerando que o ato de narrar pode se originar das experiências vivenciadas e das histórias ouvidas, a escrita da narrativa se constitui como uma forma de preservação da memória e da tradição. Scliar, portanto, segue esse pressuposto do modelo benjaminiano, já que a partir da experiência e da oralidade, apresenta-se como um veiculador e um mantenedor do passado histórico de sua cultura hebraica. Essa perspectiva da experiência é, inclusive, um dos pressupostos da construção do saber histórico, conforme aponta Koselleck (2006, p. 309-310): “Na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sendo, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias”.

---

<sup>1</sup> Esse termo é utilizado para designar grupos de judeus oriundos da Europa Central e da Europa Oriental.

### 3 *O ciclo das águas: entre a Literatura e a História*

Quanto à obra escolhida para análise, o livro *O ciclo das águas* foi publicado pela primeira vez em 1975. A narrativa entrecruza elementos históricos e ficcionais: a partir da protagonista Esther, há a abordagem do evento da trajetória vivida por centenas de imigrantes judias que, entre o final do século XIX até o momento da Segunda Guerra Mundial, se dirigiram para a América, onde acreditavam que encontrariam melhores condições de vida e maior liberdade, mas que, na verdade, acabavam entrando na prostituição para serem escravas sexuais, vítimas da organização internacional *Zwi Migdal*:

Uma organização criminosa judaica que, sob a fachada de uma organização de ajuda mútua, administrava uma lucrativa empresa de bordéis na Argentina entre os anos 1860 e 1930. Seus membros enganavam jovens judias pobres na Europa Oriental e, sob o falso pretexto de um casamento, as levava para a América do Sul, onde seriam exploradas como profissionais do sexo. (MORPURGO, 2018, s.p., tradução nossa)<sup>2</sup>

De acordo com a historiadora Beatriz Kushnir, “o primeiro grupo chega a partir de meados do século XIX até, aproximadamente, a década de 40 do século XX [...] e comportavam atividades vinculadas à prostituição – algo que se convencionou chamar de tráfico de escravas brancas” (KUSHNIR, 1996, p. 55). As mulheres judias pobres, oriundas da Polônia Oriental em um momento de *pogroms*, eram consideradas vítimas em potenciais para a prostituição, sendo denominadas como *polacas*<sup>3</sup>. Muitas mulheres eram iludidas com promessas de casamento que culminavam em engodos para o tráfico: “O casamento permeia sempre as narrativas sobre o tráfico. Uma das mais fortes justificativas para a existência deste último está no engano que as jovens moças sofriam ao aceitar propostas de casamentos de judeus, vindo com eles para as Américas” KUSHNIR (1996, p. 66). A despeito dessa ocorrência, Kushnir (1996) frisa que

---

<sup>2</sup> “A Jewish criminal organization which, under the façade of a mutual aid organization, ran an Argentina-based profitable brothel business between the 1860s and 1930. Its members deceived young and impoverished Jewish women in Eastern Europe and, under the false pretense of a marriage, would whisk them away to South America, where they would be exploited as sex workers.”

<sup>3</sup> Termo utilizado para se referir às prostitutas judias que vinham para a América: “Essas mulheres, conhecidas como ‘polacas’ ou ‘francesas’, eram, em grande parte, judias da Rússia, da Polônia, da Bessarábia” (SCLIAR, 1985, p. 100).

apesar do caráter de prostituição forçada, havia mulheres que entraram espontaneamente, no intuito de melhorar de vida, devido à degradação vivenciada:

Nas pequenas aldeias, a educação era paga e religiosa, portanto destinada aos homens. O número de analfabetas era quase que total e mesmo sobre os ritos religiosos a maioria sabia apenas o básico. Sem preparo algum, sentiam que o novo mundo industrial jamais poderia alcançá-las. Chegando a cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Buenos Aires e Montevideú, sem conhecer a língua e sem qualificação [...], a prostituição no baixo meretrício tornava-se uma opção de vida. (KUSHNIR, 1996, p. 65)

Essa situação era conhecida pela comunidade judaica, porém buscava-se a sua ocultação, por ser considerada vergonhosa para a imagem do grupo religioso. Conforme Scliar (1985, p. 100-101), havia “o repúdio da comunidade judaica ao lenocínio, o que resultou em isolamento dos traficantes e das mulheres; eram considerados *tmeyim* (impuros) e enterrados fora dos muros e dos cemitérios”. Evidencia-se, a partir desses fatos, como o conhecimento histórico é perpassado pelo lugar social e selecionado a partir de ideologias de uma instituição: “Em cada momento, a ‘instituição histórica’ se organiza segundo hierarquias e convenções que traçam as fronteiras entre os objetos históricos legítimos e os que não o são e, portanto, são excluídos ou censurados” (CHARTIER, 2009, p. 18). Apesar da tentativa de esquecimento por parte de um grupo dominante do fato histórico, pode-se dizer que a presença de judeus no Brasil praticando o tráfico sexual foi significativa, uma vez que o termo *cáften*, que se popularizou no Brasil como “cafetão”, deriva de “caftas”, tradicional casaco longo usado por judeus do Leste Europeu (KUSHNIR, 1996, p. 68).

Destarte, Scliar se propõe a resgatar a memória desse episódio, por meio de *O ciclo das águas*. Além dos conhecimentos históricos, Scliar também se inspira na composição de sua narrativa em uma paciente polaca em que ele, recém-formado em medicina, conheceu no Lar dos Velhos da Comunidade Israelita de Porto Alegre. Essa paciente influenciou na criação de Esther, a protagonista de *O ciclo das águas*. Segundo Moacyr Scliar: “A personagem principal de *O ciclo das águas* foi inspirada na figura de uma velha prostituta judia, já falecida, a quem atendi como médico. O que mais me impressionava nesta mulher era a sua capacidade de sedução, em flagrante com sua deterioração física e mental” (SCLIAR, 1985, p. 101).

Quanto ao título da narrativa, *O ciclo das águas*, há alusão às várias mudanças sofridas pela protagonista, no simbolismo próprio da água, que, em seus movimentos e ciclos, calmos e revoltos, límpidos e sujos, pode remeter a momentos da vida humana e, mais especificamente, à história dessas mulheres que foram prostituídas. A primeira frase do texto é sobre a água: “No começo, chove muito” (SCLIAR, 2002, p. 05), aludindo a algo intranquilo, como seria o desenrolar da vida de Esther. Logo em seguida, o narrador Marcos descreve esse movimento aquático de ciclo que não para: “As águas voltam à terra, infiltram-se, desaparecem. Ressurgirão como nascentes – depois riachos, depois rios. E mares. E nuvens, e chuva: chove muito no começo. As águas voltam à terra” (SCLIAR, 2002, p. 05). Assim, esses trechos prenunciam o caminho vivido pela personagem Esther, da maneira como sua vida é marcada por esses movimentos marcantes e instáveis.

A instabilidade prevista no título do romance também se evidencia na condução da narrativa. O enredo não é temporalmente linear e, além disso, há três vozes que se alternam na narração do texto: Marcos (o filho de Esther, já adulto), em 1ª pessoa, no momento presente da enunciação, uma vez que ele se apresenta também como escritor da vida de sua mãe; Gatinho (o último amante de Esther), também em 1ª pessoa; e um narrador-onisciente não identificado, que aborda a trajetória da vida de Esther. Assim,

Recortado por uma pluralidade de vozes que soam em terceira (Esther) e primeira pessoa (Marcos), os capítulos unem-se por contiguidade, rastreando uma palavra ou frase do final de uma parte para o início de outra, aglutinando no novo contexto outro sentido, enquanto a ação se direciona para outro lugar. (WALDMAN, 2003, p. 180)

Nessa pluralidade de vozes, a de Marcos é a que mais se sobressai. No momento da sua narração, Marcos é um homem adulto, professor universitário de História Natural, por isso muitas descrições utilizadas por ele se referem a um universo microscópico e biológico. O texto se inicia com a sua narração, e, aparentemente, ele está escrevendo o livro que se abre ao leitor: “Estou escrevendo. Traço no papel letras e palavras, dou nome às coisas: *ciclo das águas*. E meu nome é Marcos. Escrevo rápido. Mas a frágil criaturinha que se forma (ou se formou) no seio das águas, esta se completa (ou se completou) muito lentamente” (SCLIAR, 2002, p. 6).

A “criaturinha” a que Marcos se refere ficará evidente no enredo como Esther. Ele se propõe a reconstituir a vida de sua mãe, uma vez que o passado dela não é totalmente conhecido por ele. Há também o fato de a mãe ser uma prostituta, algo que o inquieta, por isso a decisão de escrever sobre ela: “Ela não escreve, ela não diz nada, ela – se é que existe – é microscópica, come tudo, incorpora à sua matéria o que lhe surge pela frente” (SCLIAR, 2002, p. 06). Para lidar melhor com esse lado da mãe (prostituta), ele utiliza um alter ego para ela: a *Pequena Sereia*: “não incorporarão Pequena Sereia: ninguém a viu, ninguém a verá, ninguém sabe dela; nem saberá. É um nome do qual não falo. Outros nomes sobre os quais calo: Gatinho, Esther” (SCLIAR, 2002, p. 06).

A narração de Marcos é frequentemente interrompida pela enunciação do narrador-onisciente. É esse narrador que apresenta os aspectos históricos referentes às polacas, por meio da personagem Esther, por isso este artigo se utilizará em maior parte desse foco narrativo específico. Abordando uma perspectiva linear, o narrador-onisciente inicia seu relato mostrando Esther em seus dezessete anos, em uma pobre aldeia da Polônia. Ela é filha de um *mohel* (homem responsável pela circuncisão, no judaísmo), que a mantém em um ambiente patriarcalista. Reaparece Mêndele, um antigo amigo da família: “É Mêndele, mesmo. É o menino que há anos foi para a América, e que nunca mais deu notícias. Agora volta homem, elegante num terno de casimira listrada” (SCLIAR, 2002, p. 12). Mêndele havia ido para a América tentar melhorar de vida, como fizeram muitos judeus do leste europeu em busca de enriquecimento. Entretanto, o retorno do rapaz evidencia outras intenções para Esther: “ganho, afirma, muito dinheiro; posso me casar contigo, posso te sustentar, posso te dar uma vida de rainha, na América. Rainha! Rainha na América! Rainha Esther! Ela ri. Irá como ele para onde ele quiser” (SCLIAR, 2002, p. 16).

A proposta de casamento de Mêndele a Esther era comum entre homens agenciadores de mulheres para o tráfico sexual, entre o final do século XIX e início do XX. De fato, muitas mulheres se casavam com homens da comunidade que haviam passado algum tempo fora, conforme citado anteriormente. Como Esther era uma moça sem perspectivas em uma aldeia pobre da Polônia, como tantas outras mulheres de sua região, a proposta de casamento se tornava a possibilidade de uma vida melhor. Os proxenetas judeus que faziam esse estratagema



costumavam se casar com as suas vítimas ainda na Europa, no intuito de burlar a lei imigratória, para só então irem para outros países.

Dentro da narrativa, Mên dele se casa com Esther, portanto, para colocá-la na rede de prostituição. Após a realização do casamento, ele se mantém apático, sem direcionar a ela qualquer emoção. Ambos não têm uma noite de núpcias, o que frustra muito Esther: “Não a beijou. Nem sequer a tocou” (SCLIAR, 2002, p. 20). No dia seguinte ao casamento, os dois viajam para Paris. Esther ainda mantém a esperança de que o marido a tocasse, mas nada acontece. Já em Paris, ele a leva para um grande hotel. Nesse hotel, Esther percebe a movimentação e casais fazendo sexo:

Os casais foram entrando, abraçados. Deitavam-se nos sofás, nos macios tapetes brancos de pele de urso; se amavam entre risos. Esther parada no meio da grande sala. Seu olhar se desvia das bocas entreabertas, dos seios brancos, das pernas peludas. (SCLIAR, 2002, p. 22)

O ambiente causa estranhamento em Esther, até que uma estátua de sereia em um abajur que estava na sala lhe chama a atenção. A imagem dessa estátua ficaria gravada em sua memória, sendo associada à sedução que a rodeava. Além disso, é essa sereia que desencadearia a elaboração do seu alter ego, *Pequena Sereia*, sempre relacionada ao seu lado de mulher sedutora.

Ainda nesse hotel, um homem se aproxima de Esther e tenta forçar uma relação sexual: “Abraça-a. Beija-lhe o pescoço. *Vai-te!* – empurra-o. Sorrindo sempre, ele começa a desabotoar-lhe o vestido. Ela, imóvel, olha-o” (SCLIAR, 2002, p. 23-24). Trata-se de uma iniciação à prostituição, em que Mên dele assiste a tudo sem esboçar reação:

Vê Mên dele, parado perto da porta, os olhos esgazeados postos nela. Estende a mão – mas o homem já a arrasta para um sofá. Mên dele, murmura. O homem deita sobre ela. Já não vê mais Mên dele. [...]Mãe, é o que ela quer gritar. Mãe. Não grita: o homem beija-a com fúria. Vira o rosto. Mas de repente já não resiste: beija-o também. Sente a mão dele entre suas coxas. Estremece... (SCLIAR, 2002, p. 24)

Percebe-se que apesar da resistência inicial, Esther acaba cedendo à investida. Ainda não tem ciência de que está fazendo parte de uma rede de prostituição. Na verdade, o ocorrido faz com que ela tente seduzir o marido:

Levantou-se, foi até o espelho. Via uma mulher bonita, com um brilho ousado nos olhos. Isto era o que ela via, e ficou satisfeita. Voltou-se para Mêndele, sorrindo. De ânimo brincalhão, puxou-o para dançar. [...] Ela chegava-se a ele, beijava-o. Tentou seduzi-lo, ele resistiu. Ela esbofeteou-lhe, gritou, chorou; ele sempre em pé, imóvel, a cabeça baixa. Ela atirou-se à cama e adormeceu. (SCLIAR, 2002, p. 25)

Após Mêndele não ceder à sedução de Esther, ela muda de atitude em relação a ele. Passa a ignorá-lo e a desenvolver cada vez mais a sua sexualidade:

Tinha se transformado, naqueles poucos dias; sua voz se tornara baixa e rouca; no navio, andava pelo *deck* de cabeça erguida, arrogante, desafiadora, sorrindo para os homens. Não permitiu que Mêndele ficasse com ela no mesmo camarote: nunca se sabe, querido – disse, piscando um olho. (SCLIAR, 2002, p. 26)

Nesse momento da narrativa, Esther adquire uma identidade diferente. É uma mulher mais confiante, que procura exalar sua sedução, talvez como forma de desafiar ou de se vingar da apatia de Mêndele. Depois de Paris, ambos seguem viagem para a América do Sul. Mêndele começa a ficar doente, até que morre de pneumonia. Esther não se abate com a morte do marido, inclusive mantém relações sexuais com o médico que o atendera no navio:

Naquela noite não; mas na seguinte sim, dormiu com o médico, um russo simpático, de barba negra, um aristocrata que lhe sussurrava ao ouvido doces palavras em polonês, enquanto o grande navio cortava as ondas rumo à América. Ela mergulhava o rosto na grande, na cheirosa barba, doida de prazer, ah, meu Deus, eu não sabia que era tão bom! Turbilhão de prazer. (SCLIAR, 2002, p. 30)

Essa experiência sexual é de extrema relevância para a constituição da personalidade da protagonista, porque é quando ela se solta de qualquer repressão quanto à sua sexualidade. Após o episódio, o navio chega à Argentina. Sem conhecer ninguém, Esther fica sem saber o

que fazer: “Ela pegou as malas e a estatueta de sereia [...] e desembarcou. Ficou parada junto à escada, indecisa, esperando não sabia o quê. Sentiu-se desamparada; teve vontade de rezar, mas não rezou. Não rezava mais. Não era digna. Se o pai, o santo *mohel* soubesse que” (SCLIAR, 2002, p. 30). O contato com a família se torna inviável, por agora ser considerada “impura”. Entretanto, logo surge Leiser, que viria a ser o chefe da organização do tráfico, e que a leva para um prostíbulo em Buenos Aires: “Entrando nos segredos da Casa dos Prazeres – organização dedicada ao *tráf. de branc.* Identificando Leiser – ou *Luís el Malo* – como o chefe para o ramo latino-americano da *org.* Identificando, retrospectivamente, Mêndele como agente da Casa” (SCLIAR, 2002, p. 33). As palavras grifadas e abreviadas na citação anterior são do autor, uma possível forma de deixar aludida a questão histórica do tráfico de brancas de prostitutas judias.

Logo, Esther descobre por que está em Buenos Aires: “Fazendo amizade com outras mulheres, como ela, da Polônia, da Rússia. Descobrimo porque Buenos Aires: aqui há dinheiro, disse-lhe uma russa, há muito homem e pouca mulher” (SCLIAR, 2002, p. 33). Historicamente, o tráfico de brancas teve maior intensidade em Buenos Aires:

Em 1929, acreditava-se que a Zwi Migdal era constituída por cerca de 500 cafetões, controlava 2000 bordéis e empregava 30000 mulheres, segundo o falecido escritor Ernesto Goldar. Com sede em Buenos Aires, mas com escritórios também no Brasil, África do Sul, Índia e China e Polônia, a organização teve uma receita de aproximadamente US\$ 50 milhões por ano, segundo a jornalista canadense Isabel Vincent. (MORPUGO, 2008, s.p., tradução nossa)<sup>4</sup>

Esther, porém, não fica muito tempo na capital argentina. Ela permanece algum tempo lá apenas para se adequar ao papel de prostituta: “Aprendendo artes do amor, e o tango; o tango, gostando muito do tango. Vestindo-se bem, preferindo muito o couro, o macio couro das reses argentinas. E peles. Tomando champanhe com fazendeiros do interior e com ricos da capital” (SCLIAR, 2002, p. 33). Porém, logo o bordel é denunciado, tendo de ser transferido

---

<sup>4</sup> “By 1929, the Zwi Migdal was believed to be constituted by around 500 pimps, it controlled 2,000 brothels and employed 30,000 women, according to the late writer Ernesto Goldar. Headquartered in Buenos Aires, but with offices also in Brazil, South Africa, India and China and Poland, the organization had revenues amounting to approximately \$50 million per year, according to Canadian journalist Isabel Vincent.”

para Porto Alegre, no Brasil: “a Casa tinha sido denunciada ao governo argentino pela *Ezrat Nashim*, uma organização judia da Inglaterra que estava decidida a acabar com o *tráf. de branc*” (SCLIAR, 2002, p. 34). A organização citada, a *Ezrat Nashim*, de fato existiu como tentativa de exterminar o tráfico:

Para conter esse comércio, uma filial local da Associação Judaica para a Proteção de Mulheres e Moças Judaicas, conhecida como *Ezras Noschim*, surgiu em 1901. A *Ezras Noschim* instou a acusação criminal contra a *Zwi Migdal* e tentou tirar as mulheres de suas garras. Em meados da década de 1930, *Heléne R. de Aslán*, oficial da Sociedade de Damas, tornara-se a chefe. O sistema judicial finalmente começou a processar a *Zwi Migdal* em 1930. Naquele ano, a ex-prostituta *Raquel Liberman*, auxiliada pela *Ezras Noschim*, notificou a polícia, e seu caso se expandiu para uma investigação maior sobre a *Zwi Migdal*. (DEUTSCH, 2009, tradução nossa)<sup>5</sup>

A presença no texto de Scliar de uma instituição que realmente existiu demonstra um dos processos da literatura ao utilizar aspectos históricos: “a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e das técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica” (CHARTIER, 2009, p. 27).

Após a ação da *Ezrat Nashim*, o grupo de proxenetas e prostitutas de Leiser se fixa em Porto Alegre: “A organização mantinha, em Porto Alegre, dois bordéis. Esther foi destinada ao melhor deles” (SCLIAR, 2002, p. 36). Os bordéis, nesse período histórico da década de 1930, são inspirados na *belle époque*<sup>6</sup>. Esther é conquistada pelo ambiente requintado, seguindo também a moda das “francesas”, como eram conhecidas as prostitutas de luxo: “Pintava-se muito, também. Usava pó-de-arroz Coty, um batom bem escarlata, sombras negras ao redor dos olhos. O cabelo, antes castanho, estava oxigenado e frisado. Como em Buenos Aires, vestia-se bem, mas preferia agora a seda” (SCLIAR, 2002, p. 38).

---

<sup>5</sup> “To curb this trade, a local branch of the Jewish Association for the Protection of Jewish Girls and Women, eventually known as *Ezras Noschim*, arose in 1901. *Ezras Noschim* urged criminal prosecution of the *Zwi Migdal* and tried to pry women out of its clutches. By the mid-1930s *Heléne R. de Aslán*, officer of the *Sociedad de Damas*, had become its head. The judicial system finally began to prosecute the *Zwi Migdal* in 1930. In that year former prostitute *Raquel Liberman*, aided by *Ezras Noschim*, complained to the police, and her case expanded into a larger inquiry into the *Zwi Migdal*.”

<sup>6</sup> *Belle Époque* vem do francês e significa “bela época”. Entre o final do século XIX até a metade do século XX, foi um período de grandes acontecimentos culturais e tecnológicos na Europa, que inspirou outros países a seguirem o modelo.

O fato de Esther mudar sua aparência evidencia a necessidade de se passar por “francesa”, que, nessa época, era considerada como parâmetro de elegância. Além disso, havia as francesas “prostitutas”, cortesãs de luxo da elite, em contraponto da polaca, considerada como uma versão mais barata que se aproximava desse tipo. A polaca frequentava ambientes mais pobres, e a francesa, bordéis de luxo, o que fazia uma nítida divisão de níveis:

Entre os dois grupos, as diferenças se estabeleceram rapidamente. Havia as cocottes e as polacas. As primeiras, representavam o luxo e a ostentação. As segundas, substituindo mulatas e portuguesas, representavam a miséria. “Ser francesa” significava não necessariamente ter nascido na França, mas frequentar espaços e clientes ricos. Ser polaca significava ser produto de exportação do tráfico internacional do sexo que abastecia os prostíbulos das capitais importantes e ... pobre. (DEL PRIORE, 2011, p. 85-86)

Na narrativa, Esther quer seguir esse padrão da mulher francesa, como acontecia com várias prostitutas que queriam sair da margem e serem consideradas “prostitutas de classe”. Assim, ela se sobressai no bordel: “Esther: bela, alegre, bem vestida, a mais querida do bordel” (SCLIAR, 2002, p. 39).

Entretanto, apesar do sucesso, o peso por fazer algo contra a sua religião a oprimia: “Com a comunidade judaica Esther não tem nenhum contato. Recusam-na” (SCLIAR, 2002, p. 43). A solidão começa a assolá-la, por não ter mais contato com ninguém conhecido: “Nunca receberá uma carta de sua mãe. A mãe decerto está morta; encerrada num caixão de pinho, decompõe-se lenta sob a terra da Polônia, enquanto longe, em Porto Alegre, a filha sofre. Mãe, por que me deixaste? – grita – Por que fizeste isto com tua filha?” (SCLIAR, 2002, p. 43). Nesse momento de tristeza, Esther se envolve com um jovem cliente judeu, Rafael, que é enviado a ela para que fosse iniciado sexualmente. O fato de ter contato com alguém tendo algo em comum faz com que ela se apegasse a ele: “O olho do *mohel* fixado nela: é o pesadelo que a atormenta, que a faz agarrar-se ao seu Rafael. Ninguém vai te tirar de mim, geme. E há motivos para gemer; há motivos para temer” (SCLIAR, 2002, p. 51). Ela se apaixona e engravida, mesmo tendo consciência de ser algo expressamente proibido por Leiser. Logo, porém, Rafael é tirado do seu caminho, pelos pais dele. Ao saber da gravidez, Leiser quer obrigá-la a fazer um aborto, mas ela prontamente se nega e enfrenta o cáften em uma briga. A situação a leva a pensar em abrir o próprio bordel.

Nesse momento da narrativa, o narrador Marcos interrompe o narrador-onisciente e elucida algo importante do seu intuito de escrever sobre a mãe, que é descobrir também sobre sua própria origem:

Eu sempre quis saber. Nunca acreditei nas histórias da mulher que me criou: que meu pai tinha morrido, etc. Quando os meninos debochavam de mim, no Grupo Escolar, e eu chorava – não era por causa deles, não; chorava porque não sabia quem era meu pai e queria saber. A professora me pegava no colo e me contava histórias: a da Pequena Sereia e outras. Mas não eram contos que eu queria, era a verdade. A história verdadeira. A minha história natural. (SCLIAR, 2002, p. 62)

Evidencia-se, a partir desse trecho, como a busca pela “verdade” histórica é perpassada por uma construção, sendo, assim, discursiva. Marcos, ao ter disponível apenas alguns vestígios sobre sua história, procura estabelecer uma narrativa que demonstre um fio condutor do que acredita ser parte da realidade. Sendo ele professor de “História Natural”, age de modo análogo a um historiador em sua narrativa, procurando elementos e indícios que apontem para uma intenção de verdade em sua história de vida pessoal como também na presença de aspectos históricos de uma coletividade que envolvem os judeus.

Tomando a palavra, o narrador-onisciente apresenta o desdobramento da vida de Esther após a gravidez. Ela foge do bordel e se muda para um bairro pobre de Porto Alegre, Vila de Santa Luzia, que é rodeado por um riacho poluído. Com a ajuda de Morena, uma senhora negra, cria o filho sozinha. Nesse momento, ela decide sair do status de “prostituta polaca” e abrir o próprio bordel, com o dinheiro de um ex-cliente, para se tornar uma caftina, sendo, para ela, uma forma de ascender socialmente: “Montará um bordel de luxo, com porteiro fardado. Tem experiência, sabe como selecionar um bom plantel de mulheres. Trará de volta a sua antiga clientela... Toda a clientela. Toda! Leiser verá” (SCLIAR, 2002, p. 73).

Esther inaugura seu bordel com o nome de *Casa da Sereia*, remetendo à estátua de sereia que havia pegado no hotel quando Mên dele a introduziu na prostituição. Assim, a *Casa da Sereia* se torna a “Casa da Esther”, uma vez que esse ser mítico fica associado à sua sexualidade como mulher.

O bordel situa-se próximo ao riacho poluído, onde um odor fétido é facilmente percebido. É nesse riacho que também está submergida a *Pequena Sereia*, que vive dos dejetos.

É relevante salientar que há uma simbologia envolvendo esse riacho e Esther, pois, para Marcos, há um enigma a ser descoberto, uma vez que, embora seja poluído na maior parte, corre também uma água límpida: “Por que a água aqui é limpa e mais adiante não é?” (SCLIAR, 2002, p. 61). Tal fato, durante a narrativa, é motivo de constante inquietação para Marcos, que investiga juntamente com seus alunos, a fim de obter respostas. Conforme Waldman (2003, p. 182-183), “o que ele busca na favela que se nutre do riacho e ao mesmo tempo alimenta sua contaminação é o fundamento mítico de sua origem: sua mãe, a sereia devoradora de larvas e micróbios”. E como demonstra Szklo (1990, p. 126), “ao que tudo indica, nas águas impuras, arruinadas, cheias de excrementos do riacho, Marcos vai descobrir, num processo solitário e nostálgico, que qualifica seu relato, a pureza ou a vida que procurava no mundo conspurcado da mãe prostituta”.

Quanto ao bordel, Esther obtém um grande sucesso. O lugar é inspirado na *belle époque* e passa a ser frequentado por pessoas da alta sociedade. Deixando o passado de polaca para trás, Esther deixa o seu sobrenome original, Markowitz, para ser a francesa Esther Marc:

Sou francesa, dizia aos clientes mais curiosos. Esther Marc era agora o seu nome, não mais Esther Markowitz. Um advogado lhe providenciara novos papéis. Vestia-se bem: longos vestidos escuros, jóias. Um cabeleireiro vinha penteá-la todos os dias. Entre seus clientes estavam figuras de projeção: o deputado Deoclécio, filho do fazendeiro Mathias, vinha todas as sextas-feiras. Visitantes de outros Estados eram encaminhados à Casa. (SCLIAR, 2002, p. 92)

Com o êxito do prostíbulo, Esther começa passar menos tempo com o filho, deixando-o a cargo de Morena. Marcos, enquanto criança, não sabia das atividades da mãe, sendo um mistério para ele. Somente aos treze anos, após ter fugido da sinagoga antes que pudesse ler a Torá, ponto ápice da cerimônia do bar-mitzvá, é que Esther conta algumas informações do seu passado, revelando que era prostituta: “Foi aquela a noite que ela escolheu para me contar tudo. (Lembro, daquela noite, a sensação de leve amortecimento, de doce e prolongada vertigem.)” (SCLIAR, 2002, p. 85). O fato de Marcos elucidar o que sentia entre parênteses, no momento que descobre que sua mãe era uma prostituta, evidencia que algum sentimento ainda estava controverso para ele, o que o motivaria, quando adulto, a desenvolver o relato de sua mãe e de si mesmo.

Marcos aproveita o ensejo e também pergunta sobre seu pai:

Ele fala de Rafael. Como era ele? – pergunta Marcos, mais com curiosidade do que com emoção. Esther não é feliz na descrição; sua linguagem trôpega não a ajuda. Marcos consegue vislumbrar uns óculos, uma orelha, um pedaço da boca – mas a figura completa tarda a surgir e quando aparece é esmaecida, como vista através da água turva ou de uma janela embaciada. E agora? – pergunta – onde é que ele anda? Não tive mais notícias dele, diz Esther, esforçando-se por parecer casual. Sei que é engenheiro... (Engenheiro? Escassa indicação. Engenheiro? Civil, ou o quê? Que obras constrói? Que condomínio planeja? Ora, não importa. Que fique com a esposa legítima, com os filhos legítimos, os filhos registrados). (SCLIAR, 2002, p. 88)

Assim, de posse de alguns elementos “verídicos” de sua própria história, Marcos desenvolve um relato subjetivo, enquanto o narrador-onisciente apresenta um discurso “objetivo”, à maneira de um historiador. É devido à subjetividade que Marcos, já adulto, “dará à luz” à Pequena Sereia, imagem que remete à sedução de sua mãe e que apenas ele tem acesso. Descrevendo esse ser mítico-fantástico e entrecruzando-o com a história “real” de sua mãe, ele se abre para o leitor, buscando constituir a própria vida interligando-a com a da mãe, a partir do romance que escreve. A escrita, assim, também lhe garante o autoconhecimento.

O fim do enredo é marcado pela narração de Marcos. Com o passar dos anos, Esther perde o bordel, que é desapropriado pela prefeitura. Estando idosa, passa a viver em um asilo. Por fim, entre o processo de escrita do seu romance, também intitulado *O ciclo das águas*, e a tentativa de encontrar a sua origem a partir das identidades antagônicas da mãe, Marcos consegue chegar a uma identidade própria, ainda que acomodada, mas já não ligada à de Esther:

Casei com Elisa. Vivemos bem. Tudo correu exatamente como estava previsto nos slides – exceto quanto ao nosso casamento, ao qual Esther não foi: não me perdoava ter casado com uma góí. Mas de resto – os dois filhos, o Fusca, as viagens para Santa Catarina, o apartamento – tudo aconteceu como devia acontecer. Sofro apenas da maldição dos sedentários – a prisão de ventre. Quanto a Elisa, [...] está calma. Eu também. Este olho aqui já não procura a (Pequena Sereia). (SCLIAR, 2002, p. 154)



Quanto a Esther, estando demente no asilo, tenta reconstituir o passado de sua vida na Polônia, cantarolando canções em ídiche. Além disso, também age como se ainda fosse a jovem prostituta do bordel, seduzindo todos os homens que aparecem, inclusive Marcos, sem saber que se tratava do filho, devido à demência: “Eu falo da velha Morena, da Vila Santa Luzia, dos três ceguinhos. Não diz nada, mas de repente levanta para mim os olhos cheios de admiração. — Que homem bonito! Senta aqui, querido. Vamos conversar. Como é o teu nome?” (SCLIAR, 2002, p. 153).

É importante mencionar que Esther e Leiser se reencontram no mesmo asilo, porém sem se darem conta da existência um do outro. Dessa forma, o ciclo vital parece se renovar, acompanhando o ciclo das águas, uma vez que o asilo, onde Esther está, fica próximo a um riacho, também poluído, demonstrando que sua vida também apresenta esse aspecto. Marcos finaliza a narrativa com palavras similares ao início do seu texto, com águas voltando à terra. Considerando isso, nada poderá ser estável e definido na vida deles.

#### 4 Considerações finais

Por meio da narrativa *O ciclo das águas*, percebe-se como a Literatura pode manter uma estreita relação com a História, desde os procedimentos utilizados, como a narrativa, como também a partir da representação de um acontecimento histórico realizado discursivamente. Moacyr Scliar desenvolve um texto apresentando dois narradores principais, de maneira que informações históricas são construídas a partir de perspectivas diferentes, como também é, de certa forma, o trabalho do historiador diante de documentos e evidências. Tendo origem judaica, Moacyr Scliar procurou apresentar em algumas de suas obras a temática do imigrante judeu e as vicissitudes enfrentadas por esse povo. Ao recriar o passado histórico, Scliar não o aborda como uma série objetiva de eventos, mas o traz a partir da memória coletiva e pessoal, demonstrando como a narratividade está envolvida na construção do discurso histórico e literário.

Por fim, Moacyr Scliar faz uma abordagem de seu texto combinando tanto aspectos reais quanto imaginários: retrata, por meio do romance, toda a trajetória vivida por centenas de imigrantes judias que se dirigiram para a América, onde acabaram encontrando a

prostituição. Assim, o ciclo da água, que dá nome ao título, representa a migração judaica ao longo do tempo: pode “evaporar” em certas circunstâncias, mas se refaz constantemente.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 1985. Obras escolhidas, v. 1. p. 197-221.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COMPAGNON, Antoine. O mundo. *In*: COMPAGNON, Antoine. **Demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 95-135.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DEUTSCH, Sandra McGee. Argentina: Jewish Women. **Jewish Women’s Archive**: A Comprehensive Historical Encyclopedia, 01 mar. 2009. Disponível em: <https://jwa.org/encyclopedia/article/argentina-Jewish-Women>. Acesso em: 08 nov. 2018.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no ficcional. *In*: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**: vol. II. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 957-984.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras**: mulheres judias e prostituição: as Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1996.

MORPURGO, Giulia. Jewish Mafia and prostitute traffic: Zwi Migdal’s forgotten story. **JoiMag**: Jewish, open and inclusive Magazine, 02 jul. 2018.

SCLIAR, Moacyr. **A condição judaica**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

SCLIAR, Moacyr. **O ciclo das águas**. Porto Alegre: L&PM. 2002.

SZKLO, Gilda Salem. **O bom fim do shtetl**: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa – Tomo III**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

WALDMAN, Bertha. Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na Literatura Brasileira do Século XX. *In*: WALDMAN, Bertha. **Entre passos e rastros**: presença judaica na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Perspectivas: FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003, p. 169-189.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. *In*: WHITE, Hayden **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 97-116.

Recebido em: 30.10.2019

Aprovado em: 23.09.2020